

Artigo recebido em:
13.02.2019
Aprovado em:
13.09.2019

Mauro de Souza Ventura

Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela FFLCH – USP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Bauru) e Professor do Curso de Jornalismo da FAAC/UNESP.

E-mail: mauroventura@faac.unesp.br

Tayane Aidar Abib

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Mestre e jornalista pela mesma instituição.

E-mail: tayaneaabib@gmail.com

Apuração jornalística em vias de ternura: a narrativa de sentidos de Eliane Brum

Mauro de Souza Ventura
Tayane Aidar Abib

Resumo

Atento ao horizonte relacional da Comunicação destacado por Wolton (2004, 2006), este artigo se dedica a investigar a dinâmica jornalística acionada por Eliane Brum no texto *Os vampiros da realidade só matam pobres*, produzido para o livro *Dignidade!* (2012), no contexto de celebração dos 40 anos de atuação da organização Médicos sem Fronteiras. Evidencia-se, no trabalho de reportagem de Brum sobre camponeses bolivianos vitimados pela doença de Chagas, a presença de parâmetros de tratamento de pauta de cunho dialógico (BUBER, 1979) e sensorial (MEDINA, 2016), delineando uma narrativa aberta à mediação autoral e intersubjetiva. Na contramão da gramática positivista que orienta a cultura profissional, propõe-se, assim, a adoção da ternura (RESTREPO, 1998) como procedimento norteador da apuração jornalística.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Apuração jornalística. Ternura. Eliane Brum.

Journalistic coverage in ways of tenderness: the sensory narrative of Eliane Brum

Abstract

On a normative perspective of Communication (WOLTON, 2004, 2006), this article is dedicated to investigate the journalistic dynamics triggered by Eliane Brum in the text *Os vampiros da realidade só matam pobres* (*The vampires of reality only kill poor*), produced for the book *Dignidade!* (*Dignity!*, 2012), in the context of celebrating the 40 years of operation of the Doctors Without Borders organization. In Brum's report on Bolivian peasants affected by Chagas' disease, we discuss the presence of parameters of dialogical treatment (BUBER, 1979) and sensorial (MEDINA, 2016), outlining a narrative that is open to author mediation and intersubjectiveness. Contrary to the positivist grammar that guides the professional culture, it is proposed, therefore, the adoption of tenderness (RESTREPO, 1998) as a guiding procedure for journalistic verification.

Key words: Journalistic narrative. Journalistic involvement. Tenderness. Eliane Brum.

Quando, em 1997, o sociólogo Dominique Wolton publicou o livro *Pensar a comunicação*, sinalizou, com especial ênfase, a pergunta que para nós hoje ressoa como um apelo: como salvar a dimensão humanista da comunicação? De fato, anos depois, em 2005, um novo livro seria por ele lançado sob o mesmo tom: *É preciso salvar a comunicação*. Diante do progresso técnico que nos dirige sempre a novas ferramentas e mercados, a reflexão do intelectual francês parece nos inscrever em via oposta à do triunfo instrumental da comunicação, recordando-nos de que seu real sentido é enquanto processo de relação e compartilhamento.

Se, desde o século XVII, temo-nos impressionado com as facilidades de transmissão pela técnica, Wolton não nos deixa esquecer de que esse aumento no número de mensagens difundidas não aproxima as noções de transferência e partilha. E é sobre o ideal de intercompreensão que trata a faceta normativa da comunicação defendida por ele. Resistimos a assumir tal raiz latina de *communicare*, o autor nos diz, porque essa, ao levantar a questão do eu e do outro, mostra-nos um fenômeno que em verdade é frágil. Não há certezas ou seguranças quando o que está em jogo é a intersubjetividade instaurada na relação.

Comunicar, neste sentido, é risco, já que nos demanda “admitir a importância do outro e aceitar nossa dependência em relação a ele” (WOLTON, 2006, p. 15). Tem, por isso, uma implicação ética que nos interpela, enquanto profissionais do jornalismo, um agir dialógico, quer dizer, que nos pede aquele movimento de abertura, do qual nos fala Martin Buber (1979), capaz de nos colocar em experiência de confirmação mútua com o Tu¹. De igual modo, demanda-nos uma postura outra na apuração dos dados e no tratamento dos fatos, mais terna (RESTREPO, 1998) e sensível (MEDINA, 2016), para além da gramática positivista.

Atentos a tal escopo normativo – não no sentido de um imperativo, mas sim de um ideal a ser perseguido –, desenvolvemos o presente estudo acerca da narrativa de Eliane Brum, concentrando-nos, especificamente, em seu trabalho de reportagem para o livro *Dignidade!*, um compilado de textos de nove escritores produzido à título dos 40 anos de existência da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF). Sem perder de vista o horizonte relacional da comunicação, nosso esforço é por sublinhar os dispositivos afetivos presentes em sua prática que, ao refletirem uma dinâmica profissional divergente do exercício hegemônico, respondem às inquietações de Wolton e de demais intelectuais dedicados à dimensão humanista da Comunicação.

Marcas positivistas na cultura profissional

Com Dominique Wolton aprendemos que, se quisermos superar a visão instrumental que predomina em nossa forma de tratar a comunicação, precisamos lançar mão de uma postura normativa, que se alinhe aos sentidos de partilha e de inter-humano os quais, na realidade, constituem o fenômeno. A passagem aqui almejada, no entanto, demanda algumas rupturas. Os teóricos interacionistas do jornalismo nos ensinam que há uma cultura profissional a moldar, desde os últimos dois séculos, a dinâmica noticiosa em nível hegemônico, e qualquer tentativa de mudança, neste sentido, precisa ser capaz de articular exercícios profissionais que extrapolem esse *ethos* historicamente consolidado.

Nelson Traquina (2005, p. 48), em seu conhecido estudo sobre a tribo jornalística², mostra-nos como o polo simbólico do campo jornalístico foi se constituindo, acompanhando o próprio desenvolvimento do capitalismo e os decorrentes processos de urbanização, industrialização e educação em massa. Na medida em que sua atividade se expande comercialmente, com o próprio aperfeiçoamento das rotativas e da fotografia e o surgimento do telégrafo, a informação se torna não só um negócio lucrativo, mas uma peça vital na teoria democrática.

A emergência da imprensa como *mass media*, assim, em consonância com a necessidade de conferir sentido e legitimidade às suas ações no tecido social, alinha

¹Desenvolvendo uma espécie de ontologia da palavra, Buber (1979) atribui ao par Eu-Tu e ao par Eu-Isso o sentido de portadores do ser. Há uma dupla possibilidade de existirmos como homem, o intelectual nos explica, a depender da palavra-princípio que elegemos proferir. Na palavra-princípio Eu-Isso, projeta-se uma relação em experiência objetivante, de utilização, fazendo do Outro uma espécie de meio para alcançar determinados fins. A palavra-princípio Eu-Tu, por outro lado, instaura a alteridade essencial, na medida em que reconhece o Outro como parceiro e o confirma enquanto “ser-próprio” (BUBER, 1982, p. 152).

²Com base em uma investigação comparativa de notícias em cinco jornais, de quatro países diferentes (Portugal, Espanha, Brasil e Estados Unidos), especificamente sobre a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), o autor português depreende a existência de uma cultura noticiosa comum, partilhada entre os membros da comunidade profissional em nível transnacional. Evidencia, assim, que um quadro comum de referências cognitivas, perceptivas e avaliativas molda o produto jornalístico, conduzindo as técnicas de coleta de informação, de elaboração de estruturas textuais bem precisas e de uma linguagem específica que Traquina (2005, p. 116) denominou de “jornalês”.

um exercício profissional fundamentado nos fatos e na noção de prestação de serviços ao público, integrando em seu discurso os ideais de busca da verdade, independência e imparcialidade – valores que até hoje são como “premissas inquestionáveis sobre as quais assenta sua própria existência” (TRAQUINA, 2005, p. 48). Tal “consciência atuante e objetivada”, de acordo com Muniz Sodré (2006, p. 67), explicita-se nos costumes, hábitos e critérios do grupo social – aquilo que, em Traquina (2005), toma a forma dos saberes específicos partilhados entre a comunidade profissional.

O produto informativo assim, longe de distribuir “relatos referentes a uma realidade já dada como pronta e acabada” (SODRÉ, 2009, p. 32), reflete pautas ou roteiros já fortemente codificados pela cultura jornalística. Não à toa, Traquina (2005, p. 26) usa o termo “jornalismo em pacote”, como que a indicar a presença de um processo e de um planejamento produtivo que acaba por levar à padronização da informação.

A notícia constitui-se como o relato de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da “cultura” jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa (SODRÉ, 2009, p. 71).

Em outras palavras, o campo tem uma espécie de código de produção de acontecimentos, que resulta do próprio pacto implícito da comunidade e que define a natureza mesma do fazer jornalístico. De fato, podemos dizer que uma notícia só se torna notícia ao passar pelo que Patrick Charaudeau (2009, p. 242) chama de “máquina de informar”, quer dizer, por filtros construtores de sentidos, ou, nas palavras de Gaye Tuchman (1993), por uma “teia de facticidade”³ e, ainda em Traquina (2005), pelas categorias estratégicas da “Novaslândia”.

Não está em nosso escopo de interesse aprofundar a discussão sobre a noticiabilidade que tradicionalmente orienta as pautas jornalísticas – o assunto já foi central a muitos outros estudos⁴. Nosso foco se concentra na abordagem do universo dos procedimentos para o tratamento do fato, de modo a problematizar o aparato de captação mobilizado pelo profissional e o próprio ingrediente pragmático que se coloca como chave no discurso da atualidade.

Enquanto mediadores por excelência, os jornalistas lidam cotidianamente com o mundo vivo e vivido – assertiva essa que parece tão certa quanto natural na rotina profissional. Ainda assim, evidencia-se, tal qual indica Cremilda Medina (2008, 2016), uma espécie de predileção do jornalismo, no contato com seus entornos, por um olhar objetivante ao real. Aciona-se, no âmbito da cultura da tribo, dispositivos de apuração que, assentados em princípios positivistas, permitem que se jogue com a imediaticidade e que se dribla as limitações financeiras que caracterizam o fazer.

Entrevistas dirigidas, a busca obsessiva pela precisão dos dados, a delimitação dos fatos sob tom informativo, com fuga às abstrações, para citar alguns exemplos, com base nas reflexões de Medina (2008, p. 92), revelam como a cartilha da objetividade atravessa os procedimentos jornalísticos hegemônicos. Uma prática que se impregna com metodologias quantitativas, no entanto, nas palavras da autora brasileira, apenas “serve de frágil escudo” para defender posturas jornalísticas que, em verdade, são reducionistas.

Suas fórmulas vazias de expressão alimentam registros ligeiros, chapados, que não dão conta das exigências de uma realidade que se revela em carne e osso, para além dos contornos em preto e branco que o repórter frio insiste em delinear. O distanciamento herdado por tal racionalidade como que obstrui a apreensão da trama cheia de sentidos da vida, atrofiando a sensibilidade do repórter para pensar e sentir o seu narrar. Precisamos, por isso, resgatar a emoção intuitiva, defende Medina (2008, p. 76), para recordarmos que não somos meros difusores de informação, e que nosso papel não se resume a aplicar padrões e esquemas.

³“News judgement: entendido como a sua experiência e senso comum que lhe permitam atribuir aos fatos o valor de “importantes” e “interessantes”. Parece que o news judgement é o conhecimento sagrado, a capacidade secreta do jornalista que o diferencia das outras pessoas” (TUCHMAN, 1993, p. 85).

⁴Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1999) foram os primeiros a apresentar uma lista sistematizada de valores-notícia. Mauro Wolf (2003), Nilson Lage (2006), Manuel Chaparro (1994), entre outros teóricos da comunicação, também abordaram a noticiabilidade, no âmbito de uma cultura jornalística. Optamos por pontuar, aqui, as formulações de Nelson Traquina (2005) acerca dos critérios de seleção, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia: morte, notoriedade (destaque ou visibilidade do ator principal), proximidade (geográfica ou cultural), relevância (impacto do acontecimento), novidade, tempo (atualidade), notabilidade, inesperado, conflito e infração.

A contrapartida pelas vias da ternura

Quando transita pela vertente positivista, o jornalista resiste a envolver-se, erigindo barreiras rígidas para evitar se misturar com o mundo e com os sujeitos que o rodeiam. Não há tempo para vivências de proximidade e os recursos financeiros são limitados para estender uma matéria por dias a fio, costumam dizer. Solucionam, assim, os supostos entraves conformando-se aos facilitismos tecnológicos do novo século. Os encontros e desencontros viabilizados pelos sentidos são, assim, substituídos, de forma cada vez mais desmedida, pelo telefone, pelas videoconferências e, agora, pelas redes sociais. O corpo a corpo realmente custa. E nunca foi tão necessário ecoar o apelo de Medina (2016) em favor do ato presencial como nos dias atuais:

Como desencadear estímulos sensoriais e lembranças sem o contato direto com a circunstância real em que os sujeitos da ação não estão afetos no diálogo possível? A distância objetiva (corporal), a exclusiva mediação da máquina na comunicação, a racionalização conceitual e a mediação numérica do acontecer totem a comunhão poética dos cinco sentidos presentes (MEDINA, 2016, p. 243).

Para além dos sinais visíveis, ressalta Medina (2003, p. 141), existe um real não aparente onde “se alojam valores, sentidos e motivações não contemplados pela representação dos dados materiais, objetivos”. Mas a apreensão de tais estruturas de significação demanda do jornalista aparatos de captação que extrapolam seus convencionais métodos. Uma apuração que consegue ir além da aparência exige do profissional uma mirada mais sensível para descobrir ritmos, anotar ausências, ler os silêncios, decifrar as texturas dos ambientes.

O que todas essas articulações enfatizam, em última instância, é a estética de uma atitude: apreender além da superfície, perceber a movimentação dos corpos e das coisas e suas dimensões simbólicas, apurar as experiências desde seu caráter singular, assumindo uma lógica terna para dar conta dos vaivéns e elementos de fundo de nossas interações. Lógica essa que, uma vez mais, exige-nos resistir à própria cultura ocidental que, conforme Luis Carlos Restrepo (1998), preferiu o conhecimento mediado pela vista e pelo ouvido, negligenciando nossos outros sentidos receptores.

“A intromissão do tato, do gosto ou do olfato é vista como ameaçadora, pois a cognição ficou limitada aos sentidos que podem exercer-se mantendo a distância corporal”, explica-nos o psiquiatra colombiano (p. 32). Vivemos uma cultura audiovisual, também no processo jornalístico: negamos qualquer possibilidade de nutrir uma proximidade afetiva ou uma intimidade com as fontes, com vistas de reafirmar nossa posição de autoridade e de suposta credibilidade. O corpo, no entanto, é nossa zona de mediação por excelência, e se quisermos empreender condutas efetivamente comunicacionais, precisamos assumi-lo em toda sua extensão e vulnerabilidade.

Por trás da imposição epistemológica da cultura que silencia o tátil em benefício do visual, esconde-se a tensão por gerar um sujeito capaz de mover-se no território genérico da abstração, tal como convém à racionalidade ocidental da fábrica, do exército e da política. [...] Só abertos aos dados dos sentidos, aos afetos que nos cruzam para combiná-los com formulações abstratas e conceituais, é que conseguimos aproximar-nos da singularidade dos seres, tornando mais precisos nossos processos de conhecimento (RESTREPO, 1998, p.35).

É no plano da interessoalidade, deste modo, que um aparato de captação mais sensível encontra as vias para se manifestar. O tato é nosso autêntico ponto de encontro com o Outro, o paladar nos imprime memórias, e o olfato nos permite revestir com mais nuances as cenas que vivemos – em integração, todos esses recursos nos levam a experiências mais ricas em sutilezas e detalhes. Uma apuração jornalística que se pretenda intersubjetiva, então, necessita deixar de ordenar a realidade em função apenas do que se ouve e do que se vê.

Triunfamos no mundo da técnica, escreve Restrepo (1998, p. 75), mas continuamos “aprendizes do mundo dos afetos”. Padecemos de um grau alarmante

de analfabetismo afetivo, o autor continua, porque nos custa reconhecer o valor da ternura frente à ideologia guerreira que impera em nossa sociedade. Herdeiros de Alexandre, seguimos em lógica de combate e de dominação, como se tivéssemos que controlar tudo o que nos cerca. Mas uma tal postura torna homogêneos os seres e os ambientes, enquanto a prática terna se atravessa pela pluralidade e para a diferença.

Quando fala em *direito à ternura*, assim, Restrepo não levanta a bandeira de um sentimentalismo, mas adverte para a necessária descentração: abrir-se ao Outro e se deixar assaltar pelas intensidades e provocações sensoriais do mundo. Na esteira das relações funcionais e automatizadas modeladas pela cultura ocidental, acostumamo-nos a vestir máscaras que escondem nossas emoções, tal qual a notícia conformou-se em invocar o ritual estratégico da objetividade⁵ para esconder as marcas da mediação. Mas que não nos esqueçamos, conforme Martin Buber (1979) e Wolton (2004, 2006), que o fundamento da existência e da própria Comunicação é relação – e agora acrescentamos, tomando de empréstimo as palavras de Restrepo (1998, p. 39), que “só a sensibilidade nos orienta para interagir corretamente com a singularidade dos seres e dos entornos”.

Temos, por isso, que recorrer a dinâmicas abertas do conhecimento afetivo no contexto da diferença, cientes de que apenas a interação dos cinco sentidos, em que conste também o silêncio subjetivo, pode viabilizar percepções mais fiéis às cenas vivas – em todo o seu jogo de gestos, cheiros, texturas e sabores. Uma tal coleta de informações, assim, em vias expandidas, acaba por abrir margem também, e gostaríamos de evidenciar esse desdobramento, a narrativas mais solidárias, que colocam jornalista e fonte em sintonia de sentidos. Longe da frieza das técnicas e da asséptica concepção de objetividade, o envolvimento na relação sujeito-sujeito e na experiência de proximidade lança uma nova fronteira “na arte de tecer o presente” (MEDINA, 2003).

São tais os processos de tratamento jornalístico que evidenciamos na prática profissional de Eliane Brum, atualmente colunista do portal *El País Brasil*, cujos textos são também traduzidos e publicados na versão espanhola e latina do periódico. De maneira especial, para o presente artigo, empenhamos nossos esforços em destacar a presença desses dispositivos afetivos em sua contribuição ao livro *Dignidade!*, lançado em 2012, no contexto de celebração pelos 40 anos de existência da organização Médicos sem Fronteiras.

A narrativa de sentidos de Eliane Brum

Com uma carreira de mais de 30 anos e sendo considerada a jornalista mais premiada do Brasil⁶, Eliane Brum teve a oportunidade de vivenciar diferentes ambientes produtivos no cenário da notícia: trabalhou como repórter para o jornal *Zero Hora* e para *Revista Época*, cobriu a Copa do Mundo de futebol de 2014 para a *Folha de S. Paulo*, já participou da produção de quatro documentários e, desde 2010, tem assinado colunas na internet, publicando, inclusive, esporadicamente, artigos no portal inglês *The Guardian*.

Em 2011, Brum foi convidada a participar, com outros oito escritores de diferentes nacionalidades, a produção do livro *Dignidade!*, concebido para contar dos projetos de ajuda humanitária do MSF em alguns dos países mais pobres do mundo. Os textos narram realidades de exclusões sociais, de desastres naturais, conflitos armados e epidemias, assinalando a dureza da vida em regiões conflagradas pela violência sistemática e conferindo protagonismo a pautas que raramente ganham visibilidade nas mídias tradicionais. E, quando ganham, nem sempre são descritas, como nos diz Dráuzio Varella (2012, p. 09), no prefácio do livro, “com sensibilidade e delicadeza por pessoas que se comovem com os personagens retratados em seus textos, quase sempre mulheres e crianças, os elos mais frágeis da cadeia hierárquica”.

Em *Os vampiros da realidade só matam pobres*, Brum reporta os dias de camponeses bolivianos da região de Aiquile, no departamento de Cochabamba, que, em casas de telhado de palha e de paredes de barro, são “mastigados dia após dia” pela

⁵Visando proteger-se do ataque das críticas, escreve Gaye Tuchman (1993, p. 75), “os jornalistas invocam sua objetividade quase do mesmo modo como um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos”. A socióloga pontua os procedimentos que compõem o ritual, cujo objetivo é eliminar, pelo menos aparentemente, a manifestação de qualquer carga subjetiva ou opinião pessoal na notícia: o mecanismo de citar fontes, a apresentação de possibilidades conflituais e de provas auxiliares e a estruturação da informação em uma sequência apropriada (o lead e a pirâmide invertida).

⁶Segundo levantamento promovido pelo *Jornalistas&Cia* e pelo *Portal dos Jornalistas*, divulgado em janeiro de 2019: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/eliane-brum-segundo-como-a-premiada-jornalista-da-historia/>

doença de Chagas e por “uma fome que já nem é uma fome, mas uma vida” (2017, p. 360). Listada como uma das patologias negligenciadas do mundo, por afetar pobres de países pobres, a vinchuca, como é nomeada a doença em quéchua, língua falada na região, alcançava 70% das pessoas, entre crianças e adultos, do povoado acompanhado por Brum.

O termo, como nos conta a repórter, remonta à noção de ‘deixar-se cair’ – em alusão à própria rotina donde os insetos despencam, em centenas, sobre os corpos à noite. “Centenas não é hipérbole, mas um fato de regiões ainda não alcançadas por qualquer política de eliminação do vetor” (2017, p. 359).

Alternando passagens das histórias de Cristina Salazar López e Maria Rodríguez Barrios, duas camponesas em viagem à cidade grande em busca de marca-passos para salvar os corações, e da família Cotrina Veizaga, cujos pais e filhos vivem tomados pela infecção, o texto de Brum se atravessa pelas impressões dos sentidos. “Por favor, não me deixe morrer. A menina me agarra pelos dois braços. Tem apenas 11 anos. Seus olhos, porém, são tão velhos quanto os meus. Ou mais” – é o trecho com que a repórter (2012, p. 25) inicia o relato. E toda a tessitura que então se articula carrega as marcas dessa conexão imediata entre Brum e Sonia, a menina de um discurso resignado, mas de expressões contínuas.

Os dados sobre a doença naquele período eram alarmantes: a causa da morte de 14 mil pessoas por ano, no mundo, com o registro de infecção na casa de 15 milhões de pessoas. No entanto, não foi essa a rota elegida por Brum para falar do descaso público com o Mal de Chagas. Para tratar da realidade com que o mundo não se importa, a resistência jornalística vem pelo gesto, não apressado e terno, do olhar. Um olhar que, vale reforçar, ao abarcar outros sentidos, é capaz de acolher as intensidades que advém da relação. É capaz de apreender voz, ainda que os partícipes do diálogo estejam em uma fenda de palavras. É, por fim, capaz de fazer perceber que “é possível implorar sem suplicar”:

E seu sussurro é um grito que me atravessa os tímpanos. Sonia adivinha que eu não tenho resposta quando meu olhar bate a esmo pelas paredes esburacadas de sua casa antes de ter a coragem de encará-la. Eu sou mais uma que vai embora com a sua alma enquanto seu corpo é roído pelo bicho que mora dentro dela. Eu parto. E ela fica. Desde então, seus olhos de criança velha me perseguem. Dormindo ou acordada, Sonia está lá. Implorando que não a deixe morrer. Este é o meu pesadelo. E agora, espero, também será o seu (BRUM, 2012, p. 26).

A opção de Brum de interpelar seus leitores e convocá-los a assumir posicionamento e responsabilidade perante os fatos elucidados é quase como uma constante na escritura da repórter. Seu exercício profissional lança mão desse processo de intercambiar experiências que, como bem pontua Walter Benjamin (1994, p. 198), é a faculdade por excelência do narrar. Espera, assim, que ao carregar seu texto com os significados que emanam do encontro, vias se abram para que seu leitor também experimente o fenômeno comunicacional arrebatador.

Para fluir pelo processo, no entanto, o trânsito de sentidos da experiência demanda de cada um de seus agentes um certo gesto de interrupção. Parar para pensar, parar para escutar, parar para observar, ensina-nos o filósofo catalão Jorge Larrosa (2004, p. 24). Demorar-se nos detalhes. Agir mais devagar: “suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade [...] cultivar a atenção e a delicadeza [...] e dar-se tempo e espaço”. Em outras palavras, desse sujeito da experiência, emissor ou receptor, espera-se a passividade de quem exercita uma disponibilidade fundamental, aceitando tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

A dinâmica de Brum, da qual resulta o texto em questão, permite que se evidencie esses dispositivos afetivos – mais característicos à registros de mediação autoral: se é pelo olhar que a repórter começa dizendo da família Cotrina Veizaga, é na captura dos sons, a partir das definições de Cristina e Maria, que Brum (2012, p. 26) tenta dar a compreender ao seu leitor o que é viver cercada de barbeiros: “as crianças aprendem a reconhecer o arranhar de suas asas e patas nas paredes de barro antes de atacar.

“Soa como as folhas secas do milho ao vento”, comparam [...] Quando ouviram a Vinchuca pela primeira vez e souberam, por intuição, que seria o som da sua vida”.

E na atenção aos detalhes, vale-se, com frequência, do uso de metáforas para aprofundar a composição das personagens. Como quando relata o primeiro contato de Maria – uma “mulher de interrogações”, cujas “batidas do coração eram como os cascos de ovelhas perdidas por um pastor bêbado nos morros de sua aldeia” (2012, p. 28) – e Cristina, “uma mulher de pontos finais”:

Maria chorava tanto que o peito de sua melhor blusa agora era salgado. Seu coração cada vez maior, engrandecido por Chagas, parecia entalado na garganta. [...] Os olhos líquidos de Maria encontraram a rocha dos olhos de Cristina Salazar López. Mas seus ouvidos treinados de camponesa puderam adivinhar que o coração de Cristina, aos 47 anos, era doente como o seu. E também queria escapar pelo peito rendado da blusa apesar do rosto impassível. Cristina ajeitou as dobras da saia ampla no banco ao lado de Maria. E disse, em quéchua: ‘Você não quer viver? Estaremos juntas. E cuidaremos uma da outra’ (BRUM, 2012, p. 29).

Ou como quando descreve Agustín, irmão mais velho de Sonia, a quem cabe o sustento da família depois que o pai e a mãe foram enfraquecidos pela doença, à semelhança do boi preto Yanalito: “Entre eles, há uma mirada de fundura negra. Por fora, Agustín é como Yanalito. Forte, truncado, quadrado e paciente. Por dentro, Agustín se descobriu quebradiço. E talvez com Yanalito se passe o mesmo, apenas que não pode falar. Agustín também silencia” (BRUM, 2012, p. 40).

Tendo nascido primeiro, é ele o herdeiro da canga, que semeia e colhe porque o pai, don Fanor, quase não pode mais. Com Chagas, descobriu que, aos 32 anos, “é um boi que quase não presta para o arado”. Seu coração se tornou do tamanho daquele que pulsa em Yanalito, mas, ainda assim, permanece na terra para que a irmã Norita, “a que inventou um futuro” (2012, p. 46), possa estudar e viver na cidade “em busca de um aluguel menos feroz do corpo”. Pela sua inteligência, a menina ganhou uma bolsa no melhor colégio de Aiquile, e é “a primeira Cotrina Veizaga que faz todas as refeições e conhece a sensação de saciedade”.

À epidemia de Chagas que assola a região, a narrativa de Brum entrelaça a problemática da fome, tão onipresente na vida dos habitantes de lá que “respira com eles” (p. 35). Em um cotidiano onde, na maior parte do tempo, as pessoas só se alimentam com batatas cozidas, Brum chama Norita de “luz onde tudo é sombra, porque é bem alimentada” (p. 47):

É significativo que numa vida arrancada dos dias com as unhas tudo vire diminutivo, carinho em forma de som. As aldeias rurais dos arredores de Aiquile são semeadas com diminutivos. Norita é uma carícia em formato de gente. Tem rosto de boneca e voz de doce. E seus olhos redondos guardam uma pureza que não poderia estar ali, mas está. Enquanto o olhar de Sonia nos perfura de negro, o de Norita nos mergulha em mel. Não sei como ela faz isso, mas mantém uma parte vital de si a salvo da bestialidade do seu mundo. Talvez do mesmo modo com que preservou os neurônios da desnutrição da infância (BRUM, 2012, p. 46).

Entre tons de denúncia e de afeto, o trabalho de Brum inscreve, assim, movimentos de resistência frente ao desinteresse público e midiático por atores e mazelas sociais historicamente marginalizados. Seus parâmetros jornalísticos de tratamento de fato operam como que em lógica avessa à tradicional cartilha positivista, difundida entre os membros da comunidade profissional. O que resulta de sua escolha jornalística e política por tais pautas e modos de narrar é uma escritura sutil, sinestésica, que carrega a subjetividade da autoria e a intersubjetividade da relação.

E não há como ser diferente quando o que está em campo é um profissional aberto a conhecer as singularidades dos sujeitos, a descobrir os sentidos com que cada um reveste o seu existir – mesmo na brutalidade dos dias.

Considerações finais

Como ato humanitário, o trabalho de Médicos sem Fronteiras se fundamenta, tal qual explicita Drauzio Varella (2012, p. 09), na solidariedade entre seres humanos, uma solidariedade que se alicerça sobre trocas de vivências e que, no campo da ação, busca restaurar a dignidade: “assistir, tratar e levar conforto às populações atingidas por desastres naturais, guerras, perseguições, deslocamentos humanos e epidemias de doenças transmissíveis”. A organização, que já recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1999, insere-se, deste modo, em lugares empobrecidos e violentos dos cinco continentes, aqueles que o mundo resiste a perceber, e as instâncias midiáticas hegemônicas elegem não mostrar.

A responsabilidade das mídias, diz-nos Charaudeau (2006, p. 271), está nas suas escolhas, e, como assinalamos no desenvolvimento teórico deste artigo, a cultura profissional ainda manifesta as marcas da tradição positivista, dando forma a relatos estanques e insuficientes frente à complexidade da realidade antropológica (MORIN, 2007). Eliane Brum, no entanto, opta por subverter a cartilha dos manuais de redação ao fazer do modelo noticioso um registro intersubjetivo. Cenários que, pelas vias tradicionais, apenas nos chegariam como realidade distante transformam-se em concretude e experiência compartilhada nas mãos de uma repórter cuja premissa jornalística é dialógica e terna.

Como relatar situações-limite se não pelo movimento da alteridade? Como tecer um mundo tão vivido em sofrimento, como em esperança, em abandono, como em generosidade, se não pelo reconhecimento de que somos todos sujeitos fraturados? A ternura, afinal de contas, ensina-nos Restrepo (1998, p. 24), é a unidade do eu que se rompe como um espelho, “fendida sob a pressão de forças que, do interior do indivíduo, tentam entender o estranho, o diferente, o outro”. Convergindo com a dimensão normativa da Comunicação destacada por Wolton (2004, 2006), estamos a defender aqui um ofício jornalístico também de tipo intersubjetivo, de partilha com o Outro.

A contrapartida que destacamos, assim, a partir da dinâmica de Brum, assinala a necessidade da ruptura de uma mentalidade sujeito-objeto e o resgate do ato presencial (MEDINA, 2016), condutas que inscrevem o jornalista em horizonte relacional, aberto às experiências dos sentidos e a mediações de cunho autoral. Quando vira autor, diz Medina (2008, p. 96), o profissional “desenvolve contextos, cria sutilezas, inclui informações que dão às ‘declarações’ da fonte entrevistada uma abertura polissêmica” (MEDINA, 2008, p. 96) – transita, portanto, da razão instrumental para o plano dos afetos.

Nossa reflexão, desta forma, ao propor a adoção da ternura como espécie de aparato narrativo espera, antes de uma superposição determinista ou totalizante à prática jornalística, delinear-se enquanto caminho noticioso possível para a cobertura de contextos de atores sociais que se situam à margem do interesse hegemônico público e midiático.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

BRUM, Eliane; LLOSA, Mario Vargas; GIORDANO, Paolo; DUNNE, Catherine; BARTLETT, Alicia; LEVINE, James; AYKOL, Esmahan; TISHANI, Doshi; N’SONDÉ, Wilfried. **Dignidade!** Nove escritores vivenciam situações-limite e relatam o movimento trabalho da organização Médicos Sem Fronteiras – São Paulo: Leya, 2012.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo** – Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 1. ed. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6.ed. Record, Rio de Janeiro, 2006.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, Vozes, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Ed. Da UnB, 2004.